

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO CIÊNCIAS E APLICADAS - CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DECOM
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

LOUYZ LOURRANNA SOUSA RODRIGUES

**A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NO FOTOJORNALISMO EM
CAMPINA GRANDE - PB**

**CAMPINA GRANDE / PB
2023**

LOUYZ LOURRANNA SOUSA RODRIGUES

**A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NO FOTOJORNALISMO EM
CAMPINA GRANDE - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Área de concentração: Produção Jornalística

Orientadora: Profa. Dra Agda Patrícia Pontes de Aquino

**CAMPINA GRANDE/ PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696r Rodrigues, Louyz Lourranna Sousa.
A representatividade das mulheres no fotojornalismo em
Campina Grande - PB. [manuscrito] / Louyz Lourranna Sousa
Rodrigues. - 2023.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Agda Patrícia Pontes de Aquino,
Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA. "

1. Mulheres fotojornalistas. 2. , gênero, visibilidade,
Campina Grande - PB. 3. Visibilidade. 4. Campina Grande -
PB. I. Título

21. ed. CDD 070.18

LOUYZ LOURRANNA SOUSA RODRIGUES

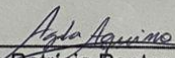
**A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NO FOTOJORNALISMO EM
CAMPINA GRANDE**

Artigo apresentado ao curso de Jornalismo do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

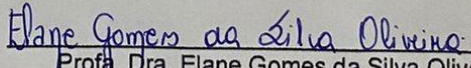
Área de concentração: Produção Jornalística

Aprovada em: 01/12/23.

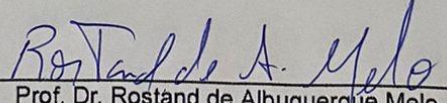
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Agda ~~Patricia~~ Pontes de Aquino (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª. Dra. Elane Gomes da Silva Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aqueles que dão sentido a minha jornada : Fabiana, Lucia
Fabricio, Fabio e Luzia

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	8
2 - A BUSCA NA REPRESENTATIVIDADE	10
3 - MULHERES NO FOTOJORNALISMO CAMPINENSE	12
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
5 - REFERÊNCIAS	16
6 - APÊNDICES	18

RESUMO

O presente trabalho parte da constatação da baixa representatividade feminina no exercício do fotojornalismo na cidade de Campina Grande, na Paraíba. A pesquisa apresenta três exemplos de mulheres fotojornalistas: Juliana Santos, Katherine Nóbrega, e Nelsina Vitorino, pioneiras na contratação empregatícia da imprensa campinense. Fizemos entrevistas utilizando um formulário criado pelo Google Docs para essas fontes citadas, na busca de compreender sobre esse tema e suas perspectivas. Não é recente que percebemos esse problema em diversos cargos do nosso dia a dia, a falta de credibilidade e oportunidades para as mulheres reduz drasticamente a chance de expansão do seu trabalho. Concluimos que a falta de incentivo é um fator preponderante na estrutura do trabalho no fotojornalismo e pode afetar na confiança de mais mulheres das novas gerações em alcançar esse cargo.

Palavras - Chave : mulheres fotojornalistas, gênero, visibilidade, Campina Grande - PB.

ABSTRACT

This work is based on the observation of low female representation in the exercise of photojournalism in the city of Campina Grande, in Paraíba. The research presents three examples of female photojournalists: Juliana Santos, Katherine Nóbrega, and Nelsina Vitorino, pioneers in hiring for the Campinas press. We conducted interviews using a form created by Google Docs for these cited sources, in an attempt to understand this topic and its perspectives. It is not recent that we have noticed this problem in several positions in our daily lives, the lack of credibility and opportunities for women drastically reduces the chance of expanding their work. We conclude that the lack of incentive is a preponderant factor in the structure of work in photojournalism and can affect the confidence of more women of the new generations in reaching this position.

Keywords: women photojournalists, gender, visibility, Campina Grande - PB.

1- INTRODUÇÃO

Por um período de muito anos, o papel da figura feminina ficou restrito ao âmbito privado, isto é, a cuidar dos filhos, do cônjuge e de tarefas domésticas, em especial se fizermos um recorte de raça. A produção de bens e as decisões fundamentais para a ordem pública têm sido historicamente associadas, predominantemente, ao domínio masculino, conferindo ao homem a suposta representação de força, virilidade e segurança (Salvagni; Canabarro, 2015).

No entanto, crescentes movimentos de mudança social vêm ocorrendo com o intuito de mudar o paradigma vivenciado por mulheres, tentando proporcionar mais direitos e igualdade a um grupo que tanto sofre com os desafios sociais. Nesse sentido, conforme Salvagni e Canabarro (2015), com o passar do tempo, o estereótipo associado às mulheres passou por uma significativa evolução, levando-as a ingressar no mercado de trabalho. Nesse contexto, as mulheres enfrentaram o desafio de demonstrar sua capacidade e competência equiparadas às dos homens para conquistar posições de destaque dentro das organizações.

Apesar disso, ainda existem desafios. No fotojornalismo não é diferente. Segundo Claassen e Ferreira (2018), o exercício do fotojornalismo é comumente percebido como dominado por homens, e o reconhecimento da excelência das capturas fotográficas se atribui, majoritariamente, aos profissionais do sexo masculino.

No cenário do município de Campina Grande, na Paraíba, essa ideia se perpetua. Assim sendo, segundo as minhas pesquisas, não chega a um total de dez (10) fotojornalistas de destaques em Campina Grande. Identificamos em nossas fontes a presença de, apenas, 4 mulheres profissionais, sendo que a primeira delas ingressante foi há 13 anos. Há uma pequena quantidade de fotojornalistas mulheres em um espaço na maioria das vezes consolidado por homens, “no entanto, há indícios de uma presença feminina praticamente desde o início desta atividade, em finais do século XIX” (Alcaide, 2017, p. 123).

Nesse contexto, o objetivo deste estudo é traçar caminhos de fácil compreensão para uma temática que pouco é falada, utilizando os discursos de alguns autores que fundamentam

essa pesquisa, que se limita na representatividade e não no contexto geral. Os métodos usados além do bibliográfico e do levantamento de dados, foi a realização de um formulário enviado para três mulheres fotojornalistas, que inicialmente trabalharam no Diário da Borborema anos atrás. Figueiredo Jr (2016, p. 38) traz a percepção do referido diário como sendo pioneiro no perfil editorial e no ineditismo na contratação de repórteres fotográficos.

Desde então, essa primeira geração de mulheres passou a estar na imprensa campinense na época, e por isso a relevância de buscar a percepção sobre suas vivências e experiências através do tema. Campina Grande sedia o curso de jornalismo mais antigo do Estado, da Universidade Estadual da Paraíba, com 50 anos de existência, e nossa intenção inicial era conseguir dados de estudantes que se formaram entre os anos de 2019.2 a 2023.2, mas a instituição não liberou o acesso. Portanto, consideramos esses dados importantes, mas não foi possível trazê-los para essa pesquisa.

É importante ressaltar, para a construção desse trabalho também foram utilizadas algumas referências, conceitos de autores e obras como: “*Mulheres Líderes: as desigualdades de gênero, carreira, e família nas organizações de trabalho*”, de Julice Salvagni e Janaina Canabarro (2015); “*Fotojornalismo em Campina Grande-PB: Mapeamento de relatos e imagens de 1960 a 2012*”, de Paulo Matias de Figueiredo Júnior (2016); “*Mulheres no fotojornalismo: influência cultural da formação na inserção profissional*”, autoria de Nathália Cunha da Silva (2017); o livro “*Fotoperiodismo 3.0*”, escrito por Estela Alcaide (2017) - A mulher no fotojornalismo; “*Mercado de trabalho e trajetórias profissionais de jornalistas mulheres entre 2012 e 2017 no Brasil*”, de Andressa Kikuti, Paula M. Rocha (2018); “*Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação: proposta de um modelo de análise*”, da Janara Nicoletti (2019);

Sendo assim, o trabalho visa fazer uma análise sobre o papel da mulher na função de fotojornalista e do seu impacto na representatividade. A pergunta que fundamenta essa pesquisa, é por que existem poucas mulheres atuando no mercado de trabalho em Campina Grande na área fotojornalística? Como comunicadora, acredito que seja pertinente trazer essa problemática, pois é nítido que dentre os veículos de comunicação é possível perceber a baixa representatividade da mulher atuando como repórter fotográfica ou fotojornalista. Há um contexto trabalhista de acúmulo de funções em declínio mundial, no trabalho específico do fotojornalismo, ao obter menos mulheres na função pode ser um reflexo diante desse cenário. Ao exercer múltiplas funções, pode ser raro a existência de profissionais contratados exclusivamente para a função de fotojornalista.

2 - A BUSCA NA REPRESENTATIVIDADE

O autor Jorge Pedro Sousa (2002) ressalta pontos importantes e indispensáveis que preparam o profissional para ser um bom fotojornalista. Além do registro do momento, é importante ter sensibilidade, capacidade de avaliar as situações e de pensar na melhor forma de fotografar, sendo presente o instinto, a rapidez de reflexos e a curiosidade. Segundo o autor, esses são traços pessoais que qualquer fotojornalista deve possuir, independentemente do tipo de fotografia que precise fazer.

“Hoje, é cada vez mais rara a prática de um jornalismo sem imagens, baseado exclusivamente na narrativa textual tradicional” (Aquino, 2021, p. 33). Ao olhar para o conceito de jornalismo desde o início aos dias atuais, é possível perceber o quanto a fotografia é presente em meio às notícias que circulam. O fotojornalismo continua sendo importante no cotidiano, nos jornais impressos e através de outros acessos. Nos últimos anos, o jornalista precisou se adaptar em mais de uma função para atuar dentro e fora das redações, isso porque vivemos em constante praticidade e rapidez ao acesso à informação, e através das plataformas digitais que causaram grande impacto nesse processo.

No entanto, o foco deste trabalho, como dito, é a representatividade feminina no fotojornalismo paraibano e em específico na cidade de Campina Grande, que não tem definido o número exato de quantas fotojornalistas existem, pois na busca dos dados, “o Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba não tem documentação dos profissionais de fotojornalismo registrados no Estado, os arquivos se perderam ao longo do tempo” (Aquino, 2023, p. 8). Poucas mulheres tiveram a oportunidade de mostrar o seu trabalho fotojornalístico em veículos de comunicação, por muitas vezes esse espaço ser majoritariamente composto por homens, como também é provável que encontre mulheres que ainda não se consideram uma profissional na área, mesmo possuindo traços do fotojornalismo, o que traz a seguinte reflexão.

Em texto de Ana Carolina Abreu Amaral¹ (2022), publicado no site da Agência Uva, a autora cita a consequência quando há baixa representatividade da mulher nesse espaço, e do quanto é relevante para a construção de uma perspectiva, mesmo que a barreira de gênero ainda seja enraizada.

¹ Disponível em : <https://agenciauva.net/2022/07/12/elas-resistem-os-desafios-enfrentados-por-mulheres-fotojornalistas-no-brasil/>. Acesso em 28 de setembro de 2023.

A falta de representatividade da pluralidade prejudica o contexto comunicacional, uma vez que as notícias são escritas e narradas por indivíduos que carregam no discurso suas subjetividades e vivências pessoais. Assim, o mito da imparcialidade no jornalismo é derrubado, pois a bagagem pessoal interfere, direta e indiretamente, na construção dos discursos repassados ao público que contribuem ativamente na formação de opinião de milhares de pessoas (Abreu Amaral, 2022, p. 1)

Estela Alcaide, autora do livro Fotoperiodismo 3.0, enaltece em seu capítulo sobre as primeiras referências de fotojornalistas, a luta pela credibilidade e reconhecimento de seus trabalhos em diversos lugares e a discriminação. Para ela, mesmo com algumas mudanças na jornada, ainda há pelo que lutar.

Quando perguntamos por que tão poucas mulheres são conhecidas neste campo é o fato de que o fotojornalismo é um trabalho muito “árduo”. É claro que em muitas vezes o trabalho do fotojornalista é tudo, menos seguro, e que esses profissionais colocam suas vidas em risco para tentar registrar o sofrimento da humanidade em seus limites mais extremos. No entanto, restringir a resposta a apenas o riscos da própria profissão deixa um gosto amargo e um sentimento bastante decepcionante. (Alcaide, 2017, p. 121)

A mulher busca um esforço maior pela validação de seu trabalho, já alguns fatores terminam sendo pautados nesse vínculo como a maternidade, acepção, assédio, ou a desigualdade salarial. Em análise realizada por Kikuti, Rocha² (2018) a autora mostra um pouco das trajetórias de mulheres jornalistas no Brasil entre os anos 2012 - 2017.

Homens jornalistas em geral ganham mais do que as mulheres exercendo as mesmas funções. Esta constatação já era percebida em 2012 e foi reafirmada em 2017. Quando perguntados sobre renda proveniente do trabalho como jornalista, em 2012, das 280 mulheres que atuavam na mídia, eram 166 (59,2%) as que ganhavam até quatro salários mínimos, enquanto entre os homens a quantidade era menor: 94 de 237 (39,6%) (Kikuti, Rocha 2018, p.8)

² Disponível em : <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/view/1497/892>. Acesso 02 de outubro de 2023.

3 - MULHERES NO FOTOJORNALISMO CAMPINENSE

O autor Figueiredo Jr (2016) traz, em sua pesquisa, o mapeamento de profissionais que atuaram no fotojornalismo Campinense e principalmente sobre seus trabalhos. Ele divide essa atuação em três primeiras gerações de fotojornalistas que fizeram a diferença em sua jornada, a exemplo o pioneiro fotojornalista contratado José Valdir de Lira no ano de 1964 na primeira geração de profissionais, e a Katharine Nóbrega da Silva, primeira fotojornalista contratada para trabalhar no Diário da Borborema, em 2013. Tornando-se uma referência na Paraíba, junto a Nelsina Vitorino e Juliana Santos que também estiveram no mesmo grupo, mas na terceira geração de fotojornalistas (Figueiredo Jr, 2016). No entanto, é possível notar a lacuna de mulheres na área fotojornalística, a questão da contratação não surpreende até nos dias atuais, pois sem credibilidade e oportunidade fica quase inviável alcançar esse lugar. Em consequência, as mulheres têm menos oportunidades de progredir com sucesso e são poucas opções para abandonar sua presença minoritária (Alcaide, 2017).

Em entrevista semiaberta realizada pela autora, Silva (2007) se expressa quanto ao resultado de sua pesquisa em intervenção das falas de suas entrevistadas:

Desta forma, as declarações destas fotojornalistas oferecem de que o estereótipo da atividade fotojornalística seria conflitivo com o estereótipo feminino, pelo desencorajamento das estudantes em se lançar em coberturas de protestos, expostas a situações complexas de vulnerabilidade, carregando equipamentos pesados, questões que rompem com o ideal feminino de fragilidade, emotividade e ainda pela falta de pertencimento das mulheres ao ambiente público, cenário preponderante da atividade. (Silva, 2017, p.10)

Sobre as respostas do questionário aplicado, Katherine Nóbrega teve sua primeira experiência na área do jornal local em 2010, em 2012 se especializou, mas preferiu trilhar o caminho da docência e da fotografia de arte. No entanto, menciona um pouco do seu percurso no primeiro emprego oficial enquanto fotojornalista: “O fato de ser mulher, por vezes, me fazia ter que me esforçar mais em relação à minha postura para conseguir respeito e credibilidade”.

Enquanto Nelsina Vitorino também teve sua primeira oportunidade na redação do jornal impresso Diário da Borborema, recém formada em Jornalismo 2006 pela UEPB e Arte e Mídia, 2008, pela Universidade Federal de Campina Grande. Já estava atuando na assessoria de comunicação, e em 2010 passou em uma seleção para o jornal, permanecendo até o momento. Sobre seu posicionamento sobre ter poucas mulheres na área: “*A desvalorização da*

atividade no meio jornalístico, pelo menos no nordeste. O mundo comunica com imagens, mas esse espaço não é devidamente ocupado por profissionais que são preparados para atuar com criticidade, técnica e sentimento. Quase não temos o jornal impresso, sites de conteúdo jornalístico reproduzem imagens encaminhadas pelas fontes ou captadas sem critérios de comunicação visual. Isso exclui os homens e ainda mais as mulheres, que são um recorte mínimo desse quantitativo”.

Entretanto, o Perfil do Jornalista Brasileiro (2021) publicou um relatório final com dados de cada região sobre os jornalistas, com relação a função do fotojornalista, “a atuação dos profissionais se concentra em duas funções principais: a de repórter (36,7%) e a de editor (19,1%), que inclui as atividades de editor executivo e assistente. A função de repórter, por exemplo, emprega quatro vezes mais do que a função de “coordenador (a)”, que ocupa a terceira colocação com 9%” (2023,p. 40). Enquanto isso, repórter fotográfico fica no ranking em décimo lugar, com o percentual de 2,2%.

A última entrevistada foi Juliana Santos, que venceu o Prêmio AETC de Jornalismo em 2011, e alcançou o 2º lugar do Prêmio Sebrae - PB, de Jornalismo 2023. Concluiu o curso em 2011, atuou junto com as outras fotojornalistas no jornal Diário da Borborema, conseguiu que uma de suas fotos fosse publicada no Jornal Impresso Diário de Pernambuco. Também teve texto e foto publicados no Jornal da Paraíba de Campina Grande/João Pessoa, fazendo 12 anos de profissão. *“As dificuldades como sempre é o preconceito por ser mulher, achar que não vamos conseguir fazer alguma pauta. Fui muitas vezes chamada de menina da foto. Não ser contratada para algum trabalho por ciúmes da esposa de um político e dono de alguma empresa. Isso é o que mais me deixou decepcionada. Você tem que provar que é muito boa no que faz para poder conseguir se incluir como uma profissional”.*

A atividade do fotojornalista não é valorizada no universo jornalístico local, os meios de comunicação não dão a devida importância para contratação dessa especialidade no time, por acharem que qualquer pessoa pode produzir um conteúdo de comunicação através da imagem. Temos o exemplo da veiculação de imagens através dos aplicativos de mensagens e interação, por vezes postada sem o devido crédito e sem um profissional da área. Falta incentivo das chefias que estão à frente dos veículos de comunicação e instituições públicas.

No entanto, para superar o preconceito de gênero nas organizações em geral e na mídia em particular, é necessária uma mudança cultural na sociedade. Embora a priori pareça que um mundo globalizado nos leva a superar diferenças mais facilmente, na verdade, massifica os fatores culturais (Alcaide, 2017, p. 137).

O mercado da fotografia traz a possibilidade de explorar nichos diferentes. Muitas mulheres trabalham nesse campo profissional hoje em dia, em especial em nichos como a

fotografia de parto, de gestantes ou de recém-nascidos. Mas esse é um movimento recente e durante muito tempo elas não puderam ocupar esses espaços profissionais. Porém o fotojornalismo permaneceu pouco acessível para elas.

A citação em seguida é a resposta da fotojornalista Nelsina Vitorino, ao ser questionada sobre quais mudanças ela consegue enxergar sobre a participação da mulher no mercado fotojornalístico, até os dias de hoje. *“Não era comum ter mulheres fotógrafas e muito menos fotojornalistas na cidade. Os cursos de ensino superior e técnico passaram a trabalhar a fotografia como uma possibilidade de trabalho além de hobby, capacitando muitas mulheres para o mercado de trabalho. As mulheres possibilitaram um olhar diferenciado dos registros imagéticos, explorando os fatos com ângulos e perspectivas diferenciadas, além de muita criatividade e sensibilidade, sendo um diferencial perante os clichês dos cliques”*.

Enquanto a fotojornalista Katherine Nóbrega ressalta sobre reivindicar seu espaço, uma forma de se mostrar persistente ao que deseja. *“Foram muitos anos de direitos negados e de impedimentos, sempre submetidas às vontades de uma sociedade patriarcal, e as coisas, infelizmente, não mudam na velocidade ideal e justa. Por isso, cada gesto que se propõe a resgatar e enaltecer histórias e trajetórias de mulheres que se dedicam ao fotojornalismo, não apenas na esfera local, mas nacional e mundial, são extremamente importantes para dar voz, dar palco, dar visibilidade às profissionais da área e para inspirar outras mulheres que desejam seguir essas passos. E nós, mulheres, devemos continuar insistindo, incomodando e reivindicando os espaços que desejamos ocupar”*.

Juliana também concorda sobre a questão de reivindicar o espaço, e cita que as oportunidades sempre foram poucas, e por isso vale a pena ter que mostrar esforço e dedicação. *“As vagas de trabalhos são realmente para quem se destaca. Pois o mercado de trabalho ainda é muito masculino”*. A vista disso, a mulher pode ocupar qualquer função na imprensa, de obter oportunidade de se reescrever ao longo dos discursos visuais, e através das lentes praticar o exercício da empatia e sensibilidade para pautas que são além de histórias. O que se espera é que mais fotojornalistas possam contribuir para a história de Campina Grande.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que o ponto forte deste trabalho é dar visibilidade e trazer a consciência e a reflexão da ocupação da mulher na área fotojornalística. Sabemos, pois, que é uma área que abrange um conjunto de conhecimentos e técnicas, mas também um discurso que gera questionamentos sobre a baixa representatividade feminina paraibana, e se torna pertinente ser discutido. As mulheres lutam todos os dias para conquistar o seu espaço, e por isso acredito que esse trabalho seja uma porta de entrada como referência para demais pesquisas futuras, diante ao difícil acesso às informações.

Como também, é uma reflexão sobre como a mulher é vista no mercado de trabalho além de encorajar na representatividade, onde infelizmente esse contexto cultural e histórico permeia em diversos lugares, em específico como aqui será analisado, no fotojornalismo. O fato de existirem poucas referências impulsiona a ser mais um passo dado a explanar sobre o tema. “É preciso adentrar os espaços e desconstruí-los. É preciso criá-los. É preciso alcançar e ser alcançada por mulheres das quais é necessária a presença. Viabilizar. Desmontar opressões” (Valle,2017, p.375). Como futura jornalista e mulher, sinto que é necessário promover mais oportunidades de inclusão para as mulheres mostrarem o seu trabalho, tendo em vista que muitas vezes lhe falta incentivo no ambiente de trabalho, assim, garantindo a confiança e segurança no que está exercendo, além de ser um estímulo para futuras gerações.

5 - REFERÊNCIAS

ALCAIDE, Estela. **Fotoperiodismo 3.0**. Espanha: Libros.Com, 2017. Disponível em: <https://libros.com/fotoperiodismo-3-0/>. Acesso em: 13 out. 2023.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **FOTOJORNALISTA: o profissional marginalizado na legislação jornalística brasileira**. ÂNCORA – Revista Latino-americana de Jornalismo, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 33, jan/jun 2021. 2021b. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/58110/34067>. Acesso em 03 de setembro de 2023.

AQUINO. Agda. **A formação superior como forma de acesso das mulheres ao mercado profissional do fotojornalismo**. In : 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUCMinas – 2023. João Pessoa, 2023. Disponível em : https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202323590864dd8cfc88882.pdf. Acesso 1 de outubro de 2023.

CAROLINA, Ana. **Elas resistem: Os desafios enfrentados por mulheres fotojornalistas no Brasil: fotógrafas relatam suas vivências, atravessadas por questões de gênero, no campo do fotojornalismo nacional**. AgênciaUva: Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://agenciauva.net/2022/07/12/elas-resistem-os-desafios-enfrentados-por-mulheres-fotojornalistas-no-brasil/>. Acesso em 28 de setembro de 2023.

DA SILVA, Nathália Cunha. **Mulheres no fotojornalismo: influência cultural da formação na inserção profissional**. São Paulo, 2017. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1145-1.pdf>. Acesso em 31 de agosto de 2023.

KIKUTI, Andressa. ; ROCHA, Paula M. . **Mercado de trabalho e trajetórias profissionais de jornalistas mulheres entre 2012 e 2017 no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2018, v. 1.

MAIA, Geimison et al. **Perfil do Jornalista do nordeste 2023: Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho**. Santa Catarina, 2023. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2023/10/2023-10-22-Perfil-do-Jornalista-do-Nordeste-GEIMISON-MAIA-et-al.pdf>. Acesso em 05 de novembro de 2023.

Figueiredo Jr, Paulo Matias. **Fotojornalismo em Campina Grande/PB: mapeamento de relatos e imagens de 1960 a 2012**, 2016. 454 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

NICOLETTI, Janara et al. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação: proposta de um modelo de análise**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215446>. Acesso em 28 de agosto de 2023.

SALVAGNI; CANABARRO. **Mulheres Líderes** : As desigualdades de gênero, carreira, e família nas organizações de trabalho. Revista de Gestão e Secretariado - GeSec, São Paulo, 2015. V.6, n 2.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo** : Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto, 2002. Editora : Biblioteca On - line de Ciências da Comunicação
Disponível em : <https://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>. Acesso em 07 de novembro de 2023.

VALLE, Isabella Chianca Bessa Ribeiro do. **Mulheres fotógrafas: resistências, enfrentamentos e as redes de (in)visibilidade no contexto do Recife**. Tese. 2017. (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/31874>. Acesso em 10 de novembro de 2023.

6 - APÊNDICES

Apêndice 1 - Formulário respondido por Katharine Nóbrega da Silva através do Google Forms

Pesquisa sobre fotojornalistas

Este formulário tem como finalidade em coletar dados para a construção do meu artigo, e enriquecer na pesquisa do meu TCC. O tema é sobre a representatividade das mulheres no fotojornalismo em Campina Grande, e por isso, é importante sua colaboração para esse projeto. Agradeço pela sua disponibilidade!

Nome *

Katharine Nóbrega da Silva

Como você conseguiu ter acesso ao fotojornalismo inicialmente? *

Relatar há quanto tempo é fotojornalista.

Me interessei pelo fotojornalismo na faculdade. Tive minha primeira experiência na área num jornal local em 2010, em 2012 me especializei, mas preferi trilhar o caminho da docência e da fotografia de arte por questões pessoais.

Na sua opinião, quais mudanças você consegue perceber na participação da mulher nessa área desde o ano que você começou a atuar no mercado até os dias de hoje? *

Embora não esteja atualizada sobre o mercado, entendo que hoje há um interesse muito maior em investigar o trabalhos de mulheres na área, principalmente quando percebo o aumento da demanda por pessoas me procurando em busca de querer conhecer um pouco da minha contribuição como fotojornalista. Nessas entrevistas que dou, na medida que converso com as entrevistadoras, entendo que embora tenham acontecido mudanças que abriram espaço para algumas mulheres, isso não se perpetua e a necessidade de espaço e reconhecimento dessas profissionais ainda se faz presente.

Quais desafios foram enfrentados por você ao trabalhar como fotojornalista seja em redação *
ou em outro lugar?

Ser fotojornalista foi meu primeiro emprego oficial, por isso enfrentei desafios que quaisquer profissionais enfrentam em começo de carreira, pois se adaptar ao mercado não é fácil. O fato de ser mulher, por vezes, me fazia ter que me esforçar mais em relação a minha postura para conseguir respeito e credibilidade, mas na época não me deixei abalar, aproveitei a oportunidade que tive e dei o meu melhor, ignorando quem pudesse duvidar da minha capacidade.

Na sua opinião, o que leva a ter poucas mulheres atuando no fotojornalismo? *

Muitos fatores teriam de ser levados em consideração para essa resposta. Porém, historicamente é sabido que essa é uma área dominada pela presença masculina e que isso pode levar a pensamentos machistas que conferem uma fragilidade às mulheres que supostamente as impediriam de fazer o trabalho da mesma forma que um homem. É triste pensar que esse possa ser um motivo, pois se trata de um pensamento retrógrado e preconceituoso.

Você acredita que pela pouca quantidade de fotojornalistas em Campina Grande, seria *
muitas vezes pela falta de reconhecimento em se considerar um fotojornalista?

Eu acredito que quando estamos começando, temos dificuldade de nos reconhecer em determinadas funções, é a experiência que vai dando segurança e proporcionando autoafirmação. Porém, para construir experiência é preciso haver oportunidades e reconhecimento por meio de outros profissionais também.

Na sua perspectiva, o que poderia ser feito atualmente como um incentivo para obter mais *
mulheres nessa área?

Bom, ações devem ser pensadas e investigadas. Não acredito que haja uma receita, mas uma luta constante. Foram muitos anos de direitos negados e de impedimentos, sempre submetidas às vontades de uma sociedade patriarcal, e as coisas, infelizmente, não mudam na velocidade ideal e justa. Por isso, cada gesto que se propõe a resgatar e enaltecer histórias e trajetórias de mulheres que se dedicam ao fotojornalismo, não apenas na esfera local, mas nacional e mundial, são extremamente importantes para dar voz, dar palco, dar visibilidade às profissionais da área e para inspirar outras mulheres que desejam seguir essas passos. E nós, mulheres, devemos continuar insistindo, incomodando e reivindicando os espaços que desejamos ocupar.

Este formulário foi criado fora de seu domínio.

Google Formulários

Apêndice 2 - Formulário respondido por Nelsina Vitorino através do Google Forms

Pesquisa sobre fotojornalistas

Este formulário tem como finalidade em coletar dados para a construção do meu artigo, e enriquecer na pesquisa do meu TCC. O tema é sobre a representatividade das mulheres no fotojornalismo em Campina Grande, e por isso, é importante sua colaboração para esse projeto. Agradeço pela sua disponibilidade!

Nome *

Nelsina Vitorino

Como você conseguiu ter acesso ao fotojornalismo inicialmente? *

Relatar há quanto tempo é fotojornalista.

Minha primeira oportunidade já foi na redação do jornal impresso Diário da Borborema, eu era recém formada em Jornalismo, 2006, pela UEPB e Arte e Mídia, 2008, pela UFCG. Já estava atuando em assessoria de comunicação e em 2010 passei em uma seleção para o jornal. Permaneço no ofício até hoje. <3

Na sua opinião, quais mudanças você consegue perceber na participação da mulher nessa área desde o ano que você começou a atuar no mercado até os dias de hoje? *

Não era comum ter mulheres fotógrafas e muito menos fotojornalista na cidade. Os cursos de ensino superior e técnico passaram a trabalhar a fotografia como uma possibilidade de trabalho além de hobby, capacitando muitas mulheres para o mercado de trabalho. As mulheres possibilitaram um olhar diferenciado dos registros imagéticos, explorando os fatos com ângulos e perspectivas diferenciadas, além de muita criatividade e sensibilidade, sendo um diferencial perante os clichês dos cliques.

Quais desafios foram enfrentados por você ao trabalhar como fotojornalista seja em redação * ou em outro lugar?

A superação do preconceito ou indiferença para com a mulher frente a atuação do fotojornalismo no universo jornalístico e a possibilidade de chegar de forma impactante com o nosso olhar.

Na sua opinião, o que leva a ter poucas mulheres atuando no fotojornalismo? *

A desvalorização da atividade no meio jornalístico, pelo menos no nordeste. O mundo comunica com imagens, mas esse espaço não é devidamente ocupado por profissionais que são preparados para atuar com criticidade, técnica e sentimento. Quase não temos o jornal impresso, os blogues e sites de conteúdo jornalístico reproduzem imagens encaminhadas pelas fontes ou captadas sem critérios de comunicação visual. Isso exclui os homens e ainda mais as mulheres, que são um recorte mínimo desse quantitativo.

Você acredita que pela pouca quantidade de fotojornalistas em Campina Grande, seria muitas vezes pela falta de reconhecimento em se considerar um fotojornalista? *

Como falei anteriormente, a atividade do fotojornalista não é valorizada no universo jornalístico local, os meios de comunicação não dão a devida importância para contratação dessa especialidade no time, por acharem que qualquer pessoa pode produzir um conteúdo de comunicação através da imagem, isso é lamentável. E quando usam alguma fotografia não creditam o fotógrafo. Eu tenho o maior orgulho do mundo em me intitular FOTOJORNALISTA!

Na sua perspectiva, o que poderia ser feito atualmente como um incentivo para obter mais mulheres nessa área? *

O Universo digital vem sendo vitrine para o conteúdo que produzimos e quem conseguem ter criticidade para essa leitura das imagens percebe a diferença das abordagens, por não se tratar de um mero registro, mas um conteúdo sensível e técnico, isso é fascinante e acaba sendo um convite para outras mulheres, a própria universidade vem trabalhando e valorizando bastante o fotojornalismo como um universo de possibilidades de pesquisa, prática e atuação profissional! Cabe aos veículos de imprensa e comunicação darem o devido valor aos profissionais atuantes e em formação.

Este formulário foi criado fora de seu domínio.

Google Formulários

Apêndice 3 - Formulário respondido por Juliana Santos através do Google Forms

Pesquisa sobre fotojornalistas

Este formulário tem como finalidade em coletar dados para a construção do meu artigo, e enriquecer na pesquisa do meu TCC. O tema é sobre a representatividade das mulheres no fotojornalismo em Campina Grande, e por isso, é importante sua colaboração para esse projeto. Agradeço pela sua disponibilidade!

Nome *

Juliana Santos

Como você conseguiu ter acesso ao fotojornalismo inicialmente? *

Relatar há quanto tempo é fotojornalista.

Primeiro foi na faculdade particular em Caruaru-PE, onde tive uma base boa sobre fotojornalismo. No mesmo momento pratiquei fazendo fotos dos eventos e paisagens da minha cidade Taquaritinga do Norte, Agreste Setentrional de Pernambuco. Consegui que uma das minhas fotos fosse publicada no Jornal Impresso Diário de Pernambuco. Também tive texto e foto publicados no Jornal da Paraíba de Campina Grande/João Pessoa. Um ano depois que fiz a transferência voluntária para UEPB entre no jornal impresso Diário da Borborema de Campina Grande e fui contratada como repórter fotográfica. Também com um ano no jornal ganhei meu primeiro prêmio de fotografia, o AETC de Jornalismo em 2011. Fazem 12 anos de profissão.

Na sua opinião, quais mudanças você consegue perceber na participação da mulher nessa *
área desde o ano que você começou a atuar no mercado até os dias de hoje?

Quando entrei no mercado no jornal impresso Diário da Borborema eram duas mulheres que trabalhavam como repórter fotográficas. Uma estava de licença de saúde e eu fiquei tirando esses dias de licença, depois fui contratada. Por já terem uma mulheres para mim não foi dificuldade em entrar e mostrar trabalho. Mas isso se deve ao chefe visionário que tínhamos. Na minha geração acredito que fomos as únicas em Campina Grande (Eu, Nelsina Vitorino e outra fotografa que não lembro o nome) não me recordo também não conheci outra. Em João Pessoa conheci apenas Nalva Figueiredo e Kleide Teixeira.

Acredito que o que mudou foi mais os novos trabalhos que surgiram para as novas fotografas que entraram no mercado. No ramo de publicidade e fotografias especiais para exposição, acompanhamento de políticos, etc.

Não tenho certeza, mas acho que sou uma das únicas fotógrafas da Paraíba, que trabalhou na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) e também na Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP). Também fui fotografa oficial do prefeito de João Pessoa entre 2013 e 2016, também acredito que fui uma das primeiras mulheres fotografas a acompanhar um prefeito na sua gestão. (Isso deve ser confirmado por meio de pesquisa nesses órgãos citados). Acredito ser um dado bem relevante.

As oportunidades sempre foram poucas desde sempre, as vagas de trabalhos são realmente para quem se destaca. Pois o mercado de trabalho ainda é muito masculino.

Quais desafios foram enfrentados por você ao trabalhar como fotojornalista seja em redação *
ou em outro lugar?

As dificuldades como sempre é o preconceito por ser mulher, achar que não vamos conseguir fazer alguma pauta. Fui muita vezes chamada de menina da foto. Não ser contratado para algum trabalho por ciúmes da esposa de um político e dono de alguma empresa. Isso é o que mais me deixou decepcionada. Você tem que provar que é muito boa no que faz para poder conseguir se incluir como uma profissional.

Na sua opinião, o que leva a ter poucas mulheres atuando no fotojornalismo? *

Falta incentivo das chefias que estão à frente dos veículos de comunicação e instituições públicas e privadas. Tive sorte de ter passado por bons chefes. E também o pouco espaço no fotojornalismo aqui na Paraíba.

Você acredita que pela pouca quantidade de fotojornalistas em Campina Grande, seria muitas vezes pela falta de reconhecimento em se considerar um fotojornalista? *

Também, mas falta o interesse das chefias como citei anteriormente, mercado e a própria mulher se impor em buscar seu espaço, se preparar bem, estudar e elabora um bom trabalho.

Na sua perspectiva, o que poderia ser feito atualmente como um incentivo para obter mais mulheres nessa área? *

Cada um tem buscar suas oportunidades, mas no fotojornalismo na Paraíba falta mercado. Mercado que falo é jornal impresso, que está escasso, contratação por sites de notícias. Ainda temos espaço em assessoria de instituições e políticos, mas ainda é muito masculino. Muitos homens que são fotógrafos não são formados, apenas começaram a registrar alguém e foram contratados como um cabide de emprego.

Na minha visão para contratar mulheres, essas mulheres devem se capacitar para conseguirem seus espaços.

Este formulário foi criado fora de seu domínio.

Google Formulários

AGRADECIMENTOS

A construção do trabalho acadêmico é um pouco cansativo, mas é um período que em partes é de aprendizado. Estive rodeada de pessoas que me ajudaram a aproveitar o processo de um jeito leve. A reta final faz você sentir um alívio, pois está chegando ao fim, e isso pode ser gratificante.

Quero agradecer a Deus por ter me sustentado até aqui, por toda força e sabedoria. Sem ele, não chegaria a lugar algum. Sou eternamente grata pela sua misericórdia e bondade na minha vida. Também quero deixar meu agradecimento às mulheres fotojornalistas, pois foi onde consegui desenvolver o meu tema, que até então era apenas uma ideia. Sem todas as minhas fontes, seria difícil essa pesquisa existir, não posso dimensionar o quanto foi enriquecedor para mim.

A minha professora e orientadora Agda Aquino, por depositar a calma e paciência em mim nesse percurso. Foram dias difíceis, por vezes desafiadores, mas em todos os momentos acreditou no meu potencial. Obrigada por tudo!

Dedico este trabalho a minha mãe Fabiana e a minha avó Lúcia, pois desde a minha aprovação, mesmo sem eu saber para onde e como ir, vocês abraçaram o meu sonho sem julgamento. Juntas, se fortalecemos e lutamos para que eu pudesse chegar até aqui. Vocês me mostraram o valor da educação, me apoiaram em todos os meus momentos, e por isso tenho dito que tudo que faço é por vocês e para vocês.

Aos meus irmãos Fabrício e Haysha, obrigado por melhorar os meus dias em que estava sem ânimo para continuar, entender minhas crises de ansiedade e me fazer sentir amada. Todas as vezes que voltei pra casa, vocês foram meu abrigo e essenciais para eu retomar o meu caminho, amo vocês.

Meu tio Fabio, minha tia Luzia, sou grata por se fazerem presente mesmo à distância, como me ofereceram suporte financeiro inúmeras vezes. Sei que sentem admiração, e mesmo com altos e baixos sabemos o significado da palavra família. Vocês têm uma parcela grandiosa na construção da minha vida desde cedo.

A minha amiga e companheira de apartamento, Tamna Emanuelli, obrigada por vibrar as minhas conquistas, por cada momento de escuta nos meus piores dias, pois sei que não é fácil, principalmente se estou chorando. Mas também sou grata pelos bons momentos, pois sei que fortaleceu nosso vínculo. Você fez a minha caminhada ser mais leve e divertida, e me ensinou a ser mais corajosa.

As minhas amigas que divido minhas lutas diárias, Laura, Melka, Heloisa, Ana Leticia, Dara, Heloize e Patrícia, obrigada por me acompanharem nestes anos. Tive a oportunidade de construir um vínculo forte com cada uma de um jeito especial. Significa muito pra mim saber que continuam aqui.

Aos meus amigos de infância Carla, Luana, Lucas, e Thaynná, do ensino médio (a calçadinha) e faculdade (otondo), obrigado por me ajudarem a ser uma pessoa melhor todos os dias. Dividir com vocês essa jornada e consequentemente minhas conquistas, me deixa muito feliz. Tenho orgulho da trajetória de cada um, partilhar esse momento com vocês, é um privilégio.